



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ DANTAS DE OLIVEIRA

**QUANDO SE FALA “BRASILEIRO”:
O PRECONCEITO SOCIOLINGUÍSTICO SOFRIDO POR BRASILEIROS QUE
VIVEM EM PORTUGAL.**

JOÃO PESSOA

2022

BEATRIZ DANTAS DE OLIVEIRA

**QUANDO SE FALA “BRASILEIRO”:
O PRECONCEITO SOCIOLINGÜÍSTICO SOFRIDO POR BRASILEIROS QUE
VIVEM EM PORTUGAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dra. Fernanda Rosário de Mello.

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48q Oliveira, Beatriz Dantas de.
Quando se fala "brasileiro": o preconceito
sociolinguístico sofrido por brasileiros que vivem em
Portugal. / Beatriz Dantas de Oliveira. - João Pessoa,
2022.
44 f. : il.

Orientação Fernanda Rosário de Mello.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Preconceito sociolinguístico. 2. Português
brasileiro. 3. Português europeu. 4. Sociolinguística.
I. Mello, Fernanda Rosário de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'27

Dedico o presente trabalho a todos que escolheram acreditar na minha capacidade e me apoiaram durante essa longa caminhada, assim como a todos que se orgulham do Português Brasileiro.

Agradecimentos

Agradeço a todos que estiveram comigo nessa jornada, aos meus colegas, aos professores, e todas as pessoas que, todos os dias, estavam me acolhendo e proporcionando vivenciar a realização de um grande objetivo, a concretização desse curso.

Aos familiares que escolheram me apoiar, em especial ao meu avô, Dácio Jorge, que todas as noites, durante os seus dois últimos anos de vida, com todo cuidado e amor, me zelou e esperou minha chegada após dias inteiros de trabalho e estudo. Um grande avô, equiparado a um pai, que não descansava do seu dia vivido, até que eu já estivesse em casa e segura. Infelizmente, partindo para a eternidade antes de testemunhar que tudo valeu a pena, pois hoje estou aqui, consolidando o que começamos.

Obrigado, Nielson Oliveira, meu querido esposo, que fez parte dessa caminhada antes mesmo de ela começar, decidindo se preparar comigo para o processo seletivo do curso, tendo a aprovação nas nossas respectivas áreas, e sendo uma base de apoio para superar todas as adversidades que surgiram durante essa fase da minha vida.

Gratidão à minha orientadora, Fernanda Rosário de Mello, que me inspirou, a partir do momento em que a conheci, a seguir o trabalho na área com a qual mais me identifiquei durante a trajetória do curso, a Sociolinguística. Uma excelente professora, que, com todo carinho, atenção e profissionalismo, me guiou sabiamente na elaboração desse trabalho e que, sem a mínima dúvida, é um exemplo que embasará a minha carreira acadêmica daqui em diante.

Por fim, e em primeiro lugar na minha vida, agradeço a Deus por ter me dado forças para seguir a diante quando momentos difíceis surgiram, do mesmo modo em que expressei minha gratidão por estar vivenciando a concretização desse sonho, pelas orações e conversas sobre como seria um prazer imensurável estudar a língua portuguesa. E hoje estou aqui, com o coração repleto de alegria, me tornando uma profissional da língua.

Obrigada a todos! Cada pessoa que cursou essa jornada comigo, em algum momento desses últimos anos, representa um pouco de quem eu sou a partir de agora.

*“A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria”*

Caetano Veloso

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral propor a reflexão a respeito do preconceito sociolinguístico testemunhado por brasileiros que vivem em Portugal, assim como as suas consequências, auxiliando na desconstrução da visão arcaica da personificação do falante ideal da Língua Portuguesa e a inferiorização do falante nativo brasileiro no território português. Desse modo, realizamos uma pesquisa sociolinguística, de cunho qualitativo interpretativo, por meio de um *corpus* documental composto por postagens coletadas em grupos da rede social *facebook*, caracterizados por comunidades de brasileiros que vivem em Portugal; assim como matérias jornalísticas pertinentes ao tema. Este trabalho traz uma proposta analítica baseada nos aspectos sociolinguísticos e históricos pertinentes para a desconstrução da mitologia do desprestígio associada ao Português Brasileiro, utilizando como aporte teórico Labov (2008), Bagno (2002, 2007, 2008), Cezário e Votre (2015), Faraco (2008), Tarallo (1986), Orlandi (2009), dentre outros. Constatamos, enfim, que o mito de o Português de Portugal ocupar um lugar de maior prestígio em relação à língua do Brasil é um fator comum na maior parte dos dados analisados, fato advindo da relação colonizador-colonizado. Buscamos, desse modo, contribuir para o rompimento de estigmas trazidos de antigas gerações aos tempos atuais. Além de funcionar como um instrumento libertador para o brasileiro que se sente inferiorizado e dito como defeituoso/errado ao expor sua fala no território europeu.

Palavras-chave: preconceito sociolinguístico; português brasileiro; português europeu; Sociolinguística.

ABSTRACT

The present study aims to propose a reflection on the linguistic prejudice witnessed by Brazilians living in Portugal, as well as its consequences, helping to deconstruct the archaic view of the personification of the ideal speaker of the Portuguese language and the inferiorization of the native Brazilian speaker in the Portuguese territory. Thus, we conducted a sociolinguistic research, of qualitative interpretative nature, through a documentary corpus composed of posts collected in Facebook social network groups, characterized by communities of Brazilians living in Portugal, as well as journalistic articles on the subject. This paper brings an analytical proposal based on sociolinguistic and historical aspects relevant to the deconstruction of the mythology of disfavor associated with Brazilian Portuguese, using as theoretical contribution Labov (2008), Bagno (2002, 2007, 2008), Cezário and Votre (2015), Faraco (2008), Tarallo (1986), Orlandi (2009), among others. Finally, we found that the myth of the Portuguese of Portugal occupying a place of greater prestige in relation to the language of Brazil is a common factor in most of the analyzed data, a fact arising from the colonizer-colonized relationship. In this way, we seek to contribute to breaking the stigmas brought from past generations to current times. Besides working as a liberating instrument for Brazilians who feel inferior and said to be defective/wrong when speaking in European territory.

Keywords: linguistic prejudice; Brazilian Portuguese; European Portuguese; sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - "Impressionante como os portugueses cuidam bem da língua portuguesa".....	25
Figura 2 - “Realmente eles falam corretamente, meu marido é português e não tem estudos, mas fala corretamente e ainda me corrige”	25
Figura 3 - "A gramática do português em Portugal é igual a do Brasil?"	26
Figura 4 - "Em Portugal falam o verdadeiro português!"	27
Figura 5 - "O português só é um e originol em Portugal"	28
Figura 6 - “Crianças de Portugal ‘só falam brasileiro’ por causa de youtubers”	29
Figura 7 - "Em Portugal o português é muito bem falado"	30
Figura 8 - "No Brasil não sabemos nem falar, menos ainda escrever!"	30
Figura 9 - “Sobre xenofobia: é mesmo verdade todo esse preconceito que falam que o português tem pelos brasileiros? Contem suas experiências!!!”	31
Figura 10 - "Já me falaram que deveria ter jaulas para brasileiros e pretos [...]"	32
Figura 11 - "Na hora de alugar casa, quando escutavam meu sotaque já não queriam nem mostrar o local [...]"	33
Figura 12 - "Estamos a contratar Gestor Comercial em Teletrabalho [...] português fluente (Portugal)"	34
Figura 13 - "Protesto contra brasileiras inspirou série na TV portuguesa"	36
Figura 14 - "Discriminação contra brasileiros em Portugal: 'Tive que falar em inglês para ser bem tratado'"	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PARA UM BOM ENTENDIMENTO DO PRECONCEITO SOCIOLINGUÍSTICO.....	14
2.1 ALGUNS ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS PERTINENTES AO ESTUDO.....	14
2.2. O PRECONCEITO SOCIOLINGUÍSTICO.....	18
3. O PORTUGUÊS BRASILEIRO: A ORIGEM DE UMA LÍNGUA.....	21
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

De acordo com uma pesquisa publicada pelo jornal O GLOBO¹, em dezembro do ano de 2021, o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) afirma que Portugal contabiliza 555.299 estrangeiros, destes, 183.993 são brasileiros, liderando a nacionalidade dos residentes imigrantes. Desse modo, a diversidade cultural e linguística no país tem se multiplicado, tornando-se mais evidente, e, com isso, provocando opiniões a respeito das diferenças entre o Português europeu (PE) e o Português brasileiro (PB).

Uma vez que a multiculturalidade tem crescido em terras portuguesas, seus nativos vêm mantendo intensa interação, rotineiramente, com os brasileiros. Escola, emprego, universidade, praças, shoppings; em todos os ambientes há essa vivência e, conseqüentemente, a interação social e linguística. Logo, as divergências linguísticas tornam-se notórias nesses encontros e, conseqüentemente, opiniões surgem – a maioria delas caracterizando o PB como defeituoso, errôneo e feio, não apenas no tocante ao sotaque, como também a todas as suas especificidades morfosintáticas e léxico-semânticas.

Nessa perspectiva, uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo relata a frustração de uma mãe a respeito de uma situação preconceituosa da qual sua filha foi vítima:

[...]“A professora falou que o trabalho estava excelente, elogiou a criatividade das duas, mas disse para a minha filha: 'Só que você, infelizmente, ainda fala esse português inapropriado, esse português brasileiro. E você precisa aprender a falar direito'. Eu não conseguia acreditar”, afirmou [...] (MIRANDA, 2021).²

O acontecimento relatado se refere a um trabalho escolar, feito por uma aluna imigrante brasileira em conjunto com uma colega portuguesa. No entanto, ao receber a nota da atividade, a aluna questionou a pontuação mais baixa em relação à amiga europeia; e o motivo apresentado pela professora foi o fato de ela não falar *direito*, sendo falante de um

¹AMATO, G. Brasileiros são maioria entre os 555 mil estrangeiros em Portugal. **O Globo**, 17 de dez. de 2021. Portugal Giro. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/portugal-giro/post/brasileiros-sao-maioria-entre-os-555-mil-estrangeiros-em-portugal.html>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

²MIRANDA, G. Português brasileiro rende nota menor e discriminação em escolas e universidades de Portugal. **Folha de São Paulo**, 03 de maio de 2021. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/portugues-brasileiro-rende-nota-menor-e-discriminacao-em-escolas-e-universidades-de-portugal.shtml>. Acesso em: 03 de abril de 2022.

português *inapropriado*.

Essa foi apenas uma ilustração dos inúmeros exemplos que podem ser vistos frequentemente na mídia e nas redes sociais, o que torna pertinente nossa pesquisa, ao apresentar e discutir fatos como esse, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o PB e a avaliação sociolinguística que se faz sobre ele, tanto por parte dos lusitanos, quanto por parte dos próprios brasileiros, que, muitas vezes, acreditam nessa condição de inferioridade sociolinguística.

Afirmações indevidas, como as proferidas pela professora da aluna brasileira, conforme vimos na matéria da Folha, são decorrentes da falta de conhecimentos sociolinguísticos, que explicam a relação entre língua e sociedade e que desmistificam uma série de equívocos tão maléficos para o indivíduo, em particular, e para o desenvolvimento social, em geral. Obviamente há uma série de diferenças entre PE e PB, mas todas podem ser explicadas e compreendidas, desde que se assuma como natural a variação entre as línguas, alterando-se profundamente o olhar para suas consequências sociais.

Na relação sociohistórica entre PE e PB, o português lusitano sempre foi supervalorizado, como **A** língua correta, ideal; conseqüentemente, o falante português também se recobre de prestígio em relação ao falante brasileiro e isso reforça o preconceito sociolinguístico que estamos denunciando nesta pesquisa: os estigmas linguísticos (que levam fatalmente a estigmas sociais) sofridos pelos imigrantes brasileiros que vivem em Portugal.

Portanto, o presente estudo traz como questão central: "Quais motivos/fatores estão na base do preconceito sociolinguístico praticado por portugueses e sofrido pelos brasileiros residentes em Portugal?". Ligado a essa questão central está nosso objetivo geral, que é o de propor uma reflexão a respeito do preconceito sociolinguístico lançado sobre os imigrantes brasileiros em terras lusitanas, buscando desconstruir a visão arcaica sobre uma língua portuguesa correta/pura/ideal e sobre a existência de um falante igualmente ideal para essa língua. Como objetivos específicos, temos: identificar situações em que os brasileiros sofrem preconceito devido à sua fala nativa; analisar o material selecionado, utilizando embasamento teórico para assimilar os posicionamentos com o tema de estudo; flagrar as possíveis razões que implicam no preconceito sociolinguístico e contextualizá-las com o ambiente em que os falantes estão inseridos; diferenciar o PE do PB, em razão das necessidades linguísticas de cada nacionalidade e do contexto sociohistórico; e, por fim,

valorizar o português brasileiro, desmistificando as possíveis razões que levam ao preconceito sociolinguístico.

Nossa pesquisa se caracteriza como qualitativa interpretativista, tem como corpus a seleção documental composta por postagens coletadas de grupos³ da rede social *Facebook*, assim como por matérias jornalísticas disponíveis em sites e jornais online. Desse modo, o levantamento dos materiais foi feito entre os meses de julho de 2021 a maio de 2022, com acessos e re acessos aos *posts* mais pertinentes, em busca dos testemunhos mais relevantes, relatados pelos internautas, objetivando o flagra do preconceito sociolinguístico que, por muitas vezes, se mostrou associado à xenofobia. Além disso, à medida em que a coleta dos comentários foi feita, a busca por artigos em sites de notícias se mostrou cada vez mais associada com os depoimentos já colhidos, criando uma conexão em comum e cabível entre os dados, que foram explorados, confrontados entre si e com a fundamentação teórica selecionada para embasar a pesquisa.

Não obstante, durante o acompanhamento desses grupos, dada extensão dos testemunhos de diferentes assuntos cotidianos dos que estão passando por essa situação, a pesquisa gerou uma imersão no estilo de vida desses brasileiros, que se apresentou pertinente para entender onde, como e porquê o preconceito sociolinguístico acontece; para, então, trabalhar no auxílio da sua desconstrução. Vale ressaltar ainda que, apesar de boa parte dos participantes dessas comunidades ter a nacionalidade do Brasil, os portugueses também estão incluídos entre os membros; sendo constatada, no presente estudo, a análise e descrição desse prejulgamento advindo de duas vertentes, do brasileiro para o brasileiro e do português para o brasileiro.

Além dessa introdução, o trabalho está dividido em outros três capítulos. Primeiramente, em *Para um bom entendimento do preconceito sociolinguístico*, temos uma base para a compreensão desse tipo de preconceito. São apresentados os aspectos sociolinguísticos mais pertinentes ao estudo, abordando a Teoria da Variação e Mudança, e entendendo a língua falada no seu respectivo contexto social como instrumento de análise. Os conceitos de norma culta e norma-padrão também são discutidos, evidenciando suas diferenças e a relação com o desprestígio das demais variações linguísticas, o que fortalece o mito do *certo* e *errado* na língua (e no indivíduo) e evidencia o conceito de preconceito

³ Todos os grupos investigados dizem respeito a brasileiros que residem (ou que pensam em residir) em Portugal. Nesse sentido, seus membros são majoritariamente usuários brasileiros, mas há uma parcela de usuários lusitanos.

sociolinguístico, relacionando-o com o cenário encontrado pelos brasileiros que vivem em Portugal.

No capítulo seguinte, abordamos *O Português Brasileiro: a origem de uma língua*, em que é discutida a construção do PB a partir da perspectiva descolonizadora e repensando a significação da lusofonia, uma vez que, segundo Orlandi (2009, p. 179), “Ela seria o sintoma de uma história de dominação que encontrou suas resistências e que hoje se apresenta em um quadro absolutamente diferente do que se deu no período colonial”. Desse modo, é apresentada a influência do processo de colonização na formação da língua brasileira, assim como a relação colonizador-colonizado em um lugar de destaque na preservação do seu desprestígio.

A partir dessas reflexões, no terceiro capítulo, trazemos a análise dos dados que explora o aporte da fundamentação teórica e a confronta com a seleção de postagens e matérias, desenvolvendo a investigação a partir da desconstrução dos argumentos que sustentam o viés preconceituoso nos relatos flagrados. Encerramos nosso trabalho com as Considerações Finais a que chegamos com o desenrolar da pesquisa.

2. PARA UM BOM ENTENDIMENTO DO PRECONCEITO SOCIOLINGUÍSTICO

2.1 ALGUNS ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS PERTINENTES AO ESTUDO

Para entender como o preconceito sociolinguístico se desenvolve, é necessário revisitar a Sociolinguística, dada a finalidade da área, que é pensar as relações incontornáveis entre língua e sociedade. Dessa forma, embasamos teoricamente nossa pesquisa e criamos condições para uma compreensão clara entre os fundamentos teóricos e a análise dos dados que virá adiante.

O viés sociolinguístico se caracteriza a partir do estudo da língua falada em seu uso real, levando em consideração o contexto social e histórico em que uma comunidade linguística se encontra, assim como o modo de falar que seus participantes utilizam para interagir entre si. Ela consiste, portanto, em “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p. 259). Já podemos, portanto, chegar a uma conclusão (que deveria ser óbvia, mas que, por fatores diversos, não o é): as muitas e imensas diferenças sociais se espriam para o sistema linguístico, dada a relação indissociável entre língua e sociedade.

Na verdade, é uma via de mão dupla: as normas linguísticas influenciam a dinâmica social e a dinâmica social interfere nas normas linguísticas.

Sendo a variação “um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos” (CEZÁRIO; VOTRE, 2015, p. 141), a Sociolinguística é caracterizada como a Teoria da Variação e Mudança, por explorar a variação associando a estrutura linguística e sua dinâmica variável no contexto social de determinado grupo linguístico.

Tarallo (1986) aponta esse processo como um *caos* linguístico, onde é travada uma *guerra* entre duas formas de se dizer a mesma coisa, que duelam por um longo tempo até que uma delas *saia vencedora*. Nesse sentido, esses modos diferentes de dizer algo são denominados de *variantes*, assim como afirmam Cezário e Votré (2015): “o termo “variante” é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico”.

Bagno (2008) afirma que a língua é viva e está em constante mudança, se transformando de acordo com as necessidades dos seus falantes. Dessa maneira, se entende a língua como heterogênea e dinâmica; além de um fato social, em que o contexto social e histórico interfere diretamente na diversidade e na variação presentes nos sistemas linguísticos.

De forma geral, a Sociolinguística estabelece três tipos de variação, que podem ocorrer em **todos** os níveis da estrutura linguística:

a) *variação regional*, associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes [...] b) *variação social*: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende [...] faixas etárias, grau de escolaridade, procedência, etc. [...] c) *variação de registro*: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc (CEZÁRIO; VOTRE, 2015, p. 144-145).

Numa visão mais conservadora, a relação entre PE e PB ainda consiste em uma variação regional. No entanto, no viés sociolinguístico, tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos de ambas as línguas se distanciam, de modo que as comunidades falantes também se apresentam totalmente diferentes nos dois territórios e não estão inseridas em um grupo maior que compartilha da mesma realidade linguística. Desse modo, “nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas *diferentes* um do

outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes!” (BAGNO, 2008, p.31).

Nesse sentido, as mudanças são tamanhas, que aquilo que seria uma variedade acaba se tornando outra língua. Não obstante, a conexão que existe entre a língua portuguesa de cada país se resume na história da filiação do idioma, discussão desenvolvida mais adiante, no capítulo *O Português brasileiro: a origem de uma língua*.

Na perspectiva sociolinguística, toda língua é um feixe de variedades. Para o senso comum, entretanto, a língua é uma entidade única, absoluta, inflexível, congelada no tempo e no espaço. Isso significa que, para o senso comum, o conceito de variedade é inapropriado, uma vez que não há espaço para a diversidade; muito ao contrário: a diversidade ataca o idioma, danifica a língua, denigre o Português. Variação é sinônimo de deterioração.

Na maioria das vezes, por falta de conhecimento teórico, dizem no senso comum que seus ouvidos e olhos *sangram* ao escutarem ou lerem determinada estrutura linguística. Nesses casos, a estrutura a que se referem está mais distante daquilo que consideram o ideal linguístico, por influência da força padronizadora, normativa e condenatória impulsionada pelo papel que a gramática tradicional (e consequentemente a norma-padrão) exerce sobre o pensamento coletivo.

Todo trabalho sociolinguístico tem o dever de denunciar e esclarecer esse equívoco do qual muitos outros decorrem, prejudicando imensamente nossa **identidade** como povo, como nação, como país, como cidadãos, como seres humanos. É uma corrente muito perversa que se forma: quanto menos identidade, menos legitimidade. Quanto menos legitimidade, menos direitos. Quanto menos direitos, mais exclusão. Essa dinâmica perversa precisa ser estudada, analisada, debatida, denunciada e, urgentemente, superada (LUCCHESI, 2015).

Embora extremamente necessárias, essas ações só serão realmente bem sucedidas por meio de um debate sério bem embasado sobre as relações que se estabelecem entre língua e sociedade. Precisamos todos compreender que a variação não é um problema a ser combatido, não é um defeito a ser superado, não é uma praga que precisa ser extinta da língua; mas, por outro lado, e igualmente necessário, é que compreendamos todos que, sem exceção, toda e qualquer variação linguística acarreta uma avaliação social. O que falta entre nós é um debate amplo e claro sobre a natureza variável da linguagem e o poder

sociossimbólicos a ela relacionado. Esse debate nos ajudaria a eliminar muitos equívocos, não só daqueles que atacam a variação, mas também dos que acreditam estar defendendo um posicionamento variacionista, ao afirmarem, por exemplo, que “o importante é haver comunicação, independentemente da variedade usada”. Esse pensamento é igualmente inadequado, porque elimina da variação a contrapartida sociossimbólica que lhe é inerente.

Existe uma avaliação social que decorre da variedade empregada em determinado contexto de uso linguístico. Imaginar que o fundamental é comunicar significa apagar das práticas sociais a interação que ocorre pela linguagem e isso é tão prejudicial para uma real compreensão de nossa *cara linguística* e de quem somos enquanto povo (FARACO, 2008), quanto a redução infundada de uma polarização entre o português certo *versus* o português errado. Resolver esse imbróglio envolve, dentre outros fatores, entender o que seja norma, entender que elas são muitas, que há conflitos entre elas, e que sua constituição depende mais de fatores sociohistóricos e políticos do que propriamente de fatores linguísticos.

Desse modo, faz-se mister compreender que a norma culta equivale a uma variedade da língua portuguesa. Neste trabalho, *norma* está para uma combinação de regras variáveis e *culta* a complementa em *cultura escrita*, consistindo sua significação geral em “norma linguística praticada, em determinadas situações [...], por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita (FARACO, 2008, p. 56).

Apesar de, em algumas situações, a norma padrão ser equiparada a um sinônimo da culta, ambas têm efeitos diferentes nos estudos linguísticos. A dita como padrão, é vista como uma imposição política que tem o intuito de homogeneizar a língua, idealizando uma sociedade com uma língua única, tendo um padrão linguístico a ser seguido. No entanto, como já constatado na presente pesquisa, sabe-se que a língua é heterogênea; logo, a tentativa de a padronizar não é bem sucedida.

Nessa perspectiva, ambas contribuem com o mito codificado do *certo* e *errado*. Enquanto uma difunde o imaginário do prestígio social, como uma detentora da elegância e cultura, fato herdado do processo colonizador⁴; a outra traz a imposição de um padrão linguístico a ser seguido, como uma tentativa de uniformizar a língua. Gerando, portanto, uma comparação e desprestígio com as demais variedades do português e reforçando,

⁴ O capítulo *O Português brasileiro: a origem de uma língua* comenta um pouco mais sobre esse assunto.

consequentemente, a ideologia que sustenta o preconceito sociolinguístico.

2.2. O PRECONCEITO SOCIOLINGUÍSTICO

A partir dos aspectos mais pertinentes da Sociolinguística e do breve entendimento sobre norma-padrão e norma culta, apresentados anteriormente, tem-se uma base para compreender como o preconceito sociolinguístico acontece. Já se sabe que a língua apresenta variações e, dentre estas, há tanto variedades mais prestigiadas quanto variedades menos prestigiadas e a imposição de um padrão linguístico, que é mitologicamente dito como absolutamente correto.

Esse parâmetro gera, portanto, uma visão depreciativa diante das demais variações linguísticas e normas, com comentários que vão desde especulações de que o falante não sabe o português *correto*, é ignorante, sem cultura; aos mais variados modos de se dizer que algo está *errado* em sua fala. Nesse sentido, Bagno complementa:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...], uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (2007, p. 40).

Nessa perspectiva, conceituar o preconceito linguístico é dizer que essa espécie de discriminação se sustenta no pré-julgamento e menosprezo das diversas variações linguísticas que estão para além do triângulo “escola-gramática-dicionário”. As redes sociais, por exemplo, são veículos em que é possível constatar diversas opiniões preconceituosas, depreciando tudo que não se enquadra na idealização da variedade culta. É mister ressaltar, ainda, que quando trazemos o termo *socio*, em preconceito sociolinguístico, temos a ideologia de que as formas linguísticas são:

[..] julgadas e avaliadas de acordo com os juízos e valores sociais atribuídos a quem se serve delas e, portanto, a avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo (BAGNO, 2007, p. 76-77).

Esse pensamento dominante, que insiste em afirmações de cunho depreciativo, parte de um pressuposto histórico de hierarquização social, em que valores socioculturais e políticos eram tomados como evidências de prestígio. Logo, a partir dos indivíduos providos

dessas características, se tinha os falantes da variedade *bem falada*, a qual a sociedade deveria aderir. Perspectiva essa, que é possível constatar em Todorov (2014):

A todo momento, um membro de uma sociedade está imerso num conjunto de discursos que se apresentam a ele como evidências, dogmas aos quais ele deveria aderir. São os lugares-comuns de uma época, as ideias preconcebidas que compõem a opinião pública, os hábitos de pensamento, as banalidades e os estereótipos, aos quais podemos também chamar de “ideologia dominante. preconceitos ou clichês (p. 79).

Desse modo, Bagno propõe a necessidade de “conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso, ele sabe essa língua” (2002 p. 166-167). Nesse sentido, é mister compreender que o indivíduo, mesmo não tendo o conhecimento da variação culta, ainda possui o seu poder de se comunicar e faz uso da variedade que lhe é, em seu contexto social, mais pertinente.

A priori, tem-se a escola como o lugar em que são apresentados ao alunado discursos e dogmas a respeito de *o quê* e *como* se deve falar. Não obstante, também é nela que se inicia o objeto de estudo da presente pesquisa: o preconceito sociolinguístico sofrido por brasileiros em Portugal. Essa relação se instaura quando a norma culta é apresentada erroneamente, no âmbito escolar, como o *jeito certo* de se falar, sendo exemplificada com a fala de Portugal. Fato esse, que reforça o pensamento de Bagno (2008, p. 22), quando afirma que a ideia de o brasileiro não saber português e que apenas em Portugal fala-se corretamente o idioma, é algo irrelevante, sendo uma idealização transmitida há gerações, veiculada pelo ensino da gramática tradicional na escola.

Nessa perspectiva, além dos portugueses, os próprios brasileiros já estão com essa imagem projetada, uma vez que isso fora estipulado no âmbito escolar; um local que está para além da formação do aluno, quando um dos seus principais objetivos é desenvolver a sua cidadania. Logo, se tem a figura de um brasileiro ciente dos seus direitos, deveres, e que acredita, precipitadamente, ser falante de uma língua que os cidadãos portugueses dominam *corretamente*.

É pertinente ressaltar o número crescente de brasileiros que estão vivendo em Portugal, hoje. Pesquisas como a do O GLOBO (2021)⁵, afirmam que essa quantidade tem crescido cada vez mais, ao passar dos anos:

⁵AMATO, G. Brasileiros são maioria entre os 555 mil estrangeiros em Portugal. **O Globo**, 17 de dez. de 2021. Portugal Giro. Disponível em:

[...] segundo estimativa do Itamaraty, a população brasileira residente em Portugal é pelo menos a metade dos estrangeiros encontrados pelo Censo. A outra metade está diluída em diversas nacionalidades. [...] Já o professor Eduardo Picanço Cruz, da Universidade Federal Fluminense, citado em reportagem do "Valor Econômico", estima que o número de brasileiros em Portugal é de aproximadamente 350 mil pessoas, ou 63% dos estrangeiros (AMATO, 2021).

Com esse grande número, aumentam-se, também, os relatos de preconceito com a fala dos imigrantes e, conseqüentemente, também da xenofobia; pois o que se inicia como uma intolerância com a língua brasileira, muitas vezes evolui para um repúdio à nacionalidade e origem do indivíduo. Somado a isso, uma vez que estes passam a integrar a sociedade, fazendo parte do contexto social e econômico do país, se torna corriqueiro flagrar matérias e relatos, com desabafos a respeito desse tipo de situação, nos demais contextos sociais em que as vítimas estão inseridas.

Desse modo, o falante do português brasileiro está sofrendo um crescente desprestígio social devido à sua fala e, conseqüentemente, sendo vítima do preconceito sociolinguístico; pois há um mito cultural, tanto brasileiro quanto europeu, de que em Portugal fala-se perfeitamente a língua portuguesa, quando existem diferenças no idioma em ambos países. Desse modo, Bagno (2008) afirma:

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença (p. 22-23).

Nesse sentido, é preciso desmistificar, portanto, a imagem de um falante ideal da língua portuguesa, reforçando que existem diferenças linguísticas e acontecimentos sócio históricos que refletem tamanhas mudanças no idioma de ambos os países, que acabam se caracterizando como línguas distintas.

Não obstante, marcos na história do Brasil respondem à pluralidade e riqueza linguística presente no vasto território brasileiro, fatos que precisam ser exaltadas; tendo em vista que a figura de um Português puro e original é flagrado como um dos principais

pensamentos que acompanham o preconceito sociolinguístico, sendo possível constatar na análise de dados do presente estudo, mais adiante.

3. O PORTUGUÊS BRASILEIRO: A ORIGEM DE UMA LÍNGUA

É sabido e de fácil constatação, quando se comparam os dois falantes, que existem diferenças entre o português brasileiro e português de Portugal, no entanto o distanciamento entre ambos se torna demasiado quando observados para além da estrutura morfosintática, fonética e da diversidade dos vocabulários. Nessa perspectiva, Bagno (2008) discorre:

Na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as tremendas diferenças de pronúncia — no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros custam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético (p. 23).

Não obstante, há, também, um distanciamento geográfico considerável entre o Brasil e Portugal, além das distâncias culturais, históricas, ideológicas, políticas e tantos outros fatores que marcam uma disparidade entre as comunidades linguísticas de ambos os países.

A construção do PB nasce a partir da colonização portuguesa, com a implementação da Língua Portuguesa nas escolas. O encontro com a diversidade de línguas indígenas e falares dos escravos africanos, presentes no Brasil, gerou uma grande influência que trouxe traços únicos e decisivos no português brasileiro, com evidências no seu léxico e, conseqüentemente, no vocabulário.

Até meados do século XVIII, o Tupi era a língua mais falada nos principais pólos brasileiros, resultado de um movimento que objetivava a facilidade na comunicação entre os colonizadores e colonizados. Intitulado de *língua geral*, era o único meio viável de estabelecer um diálogo e comunicar os dizeres dos documentos oficiais, que tinham como destinatários, em maior parte, os escravos indígenas; sendo comuns os ofícios redigidos na língua dos índios.

Pertinente a esse fato, a Coroa portuguesa exaltou a necessidade de instituir a língua portuguesa no Brasil. Desse modo, o Marquês de Pombal, ministro representante dos

colonizadores, no ano de 1758, inteira o feito através de um decreto que a estabelece como o idioma oficial: “o Estado teria que se valer de uma Língua Nacional, a “Língua do Príncipe”, para se afirmar perante os outros – as demais nações e os “Povos conquistados”, construindo assim uma identidade nacional.” (OLIVEIRA; FRANCO, 2016, p. 31). Facilitando o avanço da exploração nas mais diversas vertentes e modificando demasiadamente a realidade linguística do país, que, provocou o que Faraco (2008) chama de forças bastante contraditórias, umas que tendem à diferenciação presente no território brasileiro e outras para o ideal de língua imposta, o português europeu. O resultado dessa mudança pode ser constatado, atualmente, na multiplicidade e diversidade linguística existente no expansivo território do Brasil, desde variações e dialetos, à diferentes línguas, pois, como afirma Orlandi (2009),

[...] entre as diferentes línguas brasileiras com as quais convivemos em território nacional: em torno de 180 línguas indígenas e diferentes falares africanos. [...] somos um país em que convivemos cotidianamente com línguas indígenas e ao mesmo tempo somos falantes de uma língua latina, uma língua que se inscreve na história europeia, através da filiação do português (p. 161).

É mister destacar que essa fusão de línguas não decorreu naturalmente, uma vez que a imposição do português de Portugal aconteceu de modo dominante, suprimindo culturas e questões linguísticas já existentes no território brasileiro. Apagando, desse modo, a história e a identidade já existentes no país, menosprezando a participação dos índios, negros e todo o povo que fazia uso da língua geral, sendo esse um processo decorrente da visão do colonizador para o colonizado, o qual promove a sua fala e objetiva frear a expansão dos falares ali já existentes, diminuindo, portanto, o espaço ocupado pelo colonizado e a circulação do idioma não oficial.

Baseada nesse cenário, se encontra a lusofonia no viés do colonizador, que caracteriza a língua com uma noção de homogeneidade fundida na relação criada através de um espaço de falantes da língua portuguesa, independente da distância geográfica e idiomas ali já existentes. No entanto, diante tanto da identidade quanto da pluralidade linguística existente no Brasil, se pode constatar:

[...] a lusofonia, não como algo homogêneo e estabilizado mas como algo extremamente heterogêneo, instável mas também se representando, na diferença, como tendo uma unidade ideal: aquela em que nos representamos, face às línguas européias, como fazendo parte dos grupos que falam línguas românicas, uma delas, o brasileiro, que se filia ao português (ORLANDI, 2009, p. 160).

Nesse sentido, é necessário reconstruir a significação da lusofonia de acordo com um pensamento descolonizador, não perpetuando um acontecimento que referencia um estado não mais atual e ultrapassado, capaz de reforçar o sentido da colônia. Uma vez que a língua, como um fato social, desenha o contexto sociocultural em que está inserida, o português brasileiro naturalmente sofreu uma série de transformações e diferenças que marcam a heterogeneidade presente na natureza da linguagem, sendo incabível caracterizar como homogênea a relação lusófona entre ele e o português europeu, uma vez que “[...] não existe língua homogênea. Todas as línguas são caracterizadas por grande diversidade, porque as experiências de vida das comunidades falantes são sempre muito diversificadas” (FARACO, 2008, p. 134).

Essa conexão é um marco na história de ambas as línguas. Como bem aponta Orlandi (2009), é a partir dessa filiação que o idioma brasileiro se funde aos grupos que falam línguas românicas. No entanto, ressignificar face à diversidade linguística e cultural é valorizar a riqueza da fala brasileira, compreendendo sua mudança e independência. Fato esse que contribui na desconstrução de pensamentos padronizados que não se espelham nas verdadeiras características fundamentais que conceberam o surgimento do português brasileiro.

Desse modo, se sucede, então, a historicização linguística, como afirma Orlandi (2009, p. 173), “de acordo com a sua memória linguística”, a partir da construção histórica, política e cultural do Brasil, da qual a colonização faz parte. Logo, esse movimento está presente na identidade da língua do Brasil, mas não a prende como uma cópia do português de Portugal, pois como afirma Bagno (2008):

Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença. (p. 23)

Ainda nessa perspectiva, Segundo Orlandi (2009), a partir do século XIX, os autores brasileiros iniciam pesquisas sistemáticas na língua brasileira, marcando, então, o início da emancipação gramatical no Brasil e o rompimento com as normas dos colonizadores; uma vez que o país recebe gramáticas próprias “escrita por brasileiros para brasileiros”. Sendo esse, não somente um marco demasiadamente pertinente na

descolonização e construção da identidade brasileira, mas que contribui, também, na desvinculação da ideia do português europeu como o *mais correto* e *bem falado*, pois, por conseguinte, passa a existir uma gramática particular à cada um dos dois países.

De modo que esse passo é dado, a fala do Brasil ganha destaque para além do significado por trás da gramatização. Através dos gramáticos, o país, finalmente, "instituiu a visibilidade de um saber legítimo para a sociedade brasileira e torna visível a língua que falamos, Língua brasileira." (ORLANDI, 2009, p. 154). A partir desse avanço, se cria autoridade e respeito para com o português brasileiro, devido à representação das políticas linguísticas e da nação, que a conquista desse instrumento linguístico impõe.

Pertinente a isso, a idealização do gramático como o guardião da norma, provedor do *certo* e *errado*, advém de uma posição em que a noção de estado já se encontra integrada e detém o poder sobre a língua, que também se mantém estabelecida socialmente. Logo:

[...] temos, nos anos 50 do século XX a instituição, por decreto, da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira, 1959), estabelecendo a homogeneidade de uma terminologia que desautoriza a posição que tinha o gramático no século XIX. O Estado pratica sua autoridade frente ao conhecimento da língua (ORLANDI, 2009, p. 155).

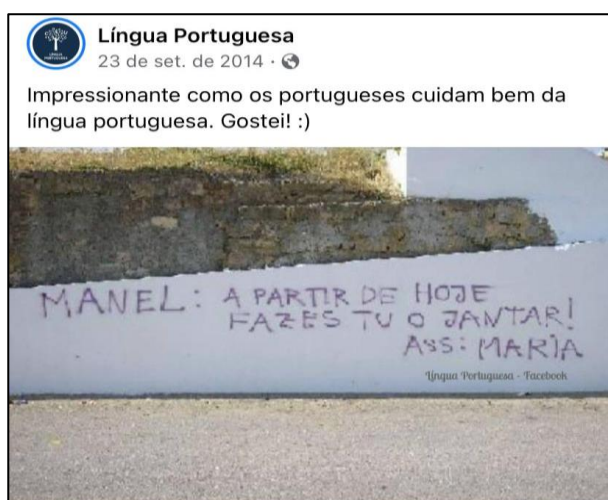
Fica designado aos cientistas da gramática, desse modo, o juízo de determinar o que faz parte da norma e o que não faz, assim como quem utiliza a língua corretamente de acordo com as regras estabelecidas. Pensamento esse que provoca o movimento de preservar e idealizar um português absoluto, o falado pelos mais cultos, puro; com tudo o que foge do seu círculo, sendo pré julgado como defeituoso, feio ou errôneo. Valorizando uma variação em detrimento das outras, que como bem aponta Faraco (2008): "interfere diretamente em nossas atitudes em relação às variedades linguísticas e seus falantes, limitando, pela força dos pré-conceitos, nossa capacidade de julgar com a necessária clareza os fatos da língua e a diversidade sociocultural." (p. 134). Não obstante, reescrevendo a perspectiva colonial, quando se busca retratar uma língua verdadeira, dominante e que deve ser seguida.

Esse cenário reforça, portanto, o preconceito sociolinguístico sofrido até os dias atuais; além de menosprezar toda a história que originou o português brasileiro, com sua diversidade linguística e cultural, capaz de dar lugar à mudança e ao desprendimento da língua colonizadora. Posto isso, é mister recapitular todo o processo de descolonização linguística, ressignificando a relação existente com o idioma de Portugal, a partir de uma filiação e não de uma mesma língua.

4. ANÁLISE DOS DADOS

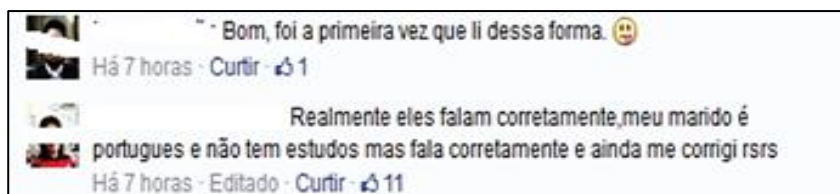
A seguir, são exibidas imagens e matérias jornalísticas em que é possível flagrar tanto o preconceito sociolinguístico vivenciado por brasileiros quanto atuado por eles mesmos e pelos portugueses. Não obstante, é mister destacar que o comportamento preconceituoso não está restrito aos nativos da terra portuguesa, uma vez que, assim como já citado neste estudo, e em breve flagrados, os próprios brasileiros também reproduzem tais falas e atos; muitas vezes vitimizando os que compartilham da mesma nacionalidade. “É o nosso eterno trauma de inferioridade, nosso desejo de nos aproximarmos, o máximo possível, do cultuado padrão ‘ideal’, que é a Europa.” (BAGNO, 2008, p. 30), como é possível exemplificar logo abaixo:

Figura 1 - "Impressionante como os portugueses cuidam bem da língua portuguesa".



Fonte: Página “Língua Portuguesa” na rede social *Facebook*⁶.

Figura 2 – “Realmente eles falam corretamente, meu marido é português e não tem estudos, mas fala corretamente e ainda me corrige”



Fonte: Página “Língua Portuguesa” na rede social *Facebook*.⁷

⁶Disponível em:

<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/photos/a.271773609503284/982836775063627/?type=3&mbextid=kXE2uo>. Publicado: 23 set. 2014. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁷Resposta à Figura 1, op. cit. Acesso em: 14 abr. 2022.

A postagem traz como legenda o texto “impressionante como os portugueses cuidam bem da língua portuguesa. Gostei!”, deixando evidente a super valorização da fala dos portugueses, tornando implícito, desse modo, que o brasileiro não preza a integridade da língua portuguesa. A imagem retrata um recado deixado em um muro, o que se conhece por pichação. Seria o auge do bom Português: uma pichação, linguagem, portanto, menos monitorada, menos formal, e ainda assim altamente superior ao PB. O mito ideológico do padrão “ideal”, apontado por Bagno (2008), se fortalece ainda mais quando verificamos os comentários de brasileiros sobre a postagem. O último comentário diz: “Realmente eles falam corretamente, meu marido é português e não tem estudos mas fala corretamente e ainda me corrige rsrs”, quando o *erro* é acatado porque a brasileira acredita, de fato, estar em desvantagem por falar o PB. Só o fato de não ser brasileiro legitima toda e qualquer correção linguística feita por um português, sob o falso entendimento de que *o dono da língua boa define o que é bom/correto/ideal*. Falar corretamente é falar o PE e cabe aos brasileiros aceitar essa condição dominante.

É importante ressaltar ainda que, entre os comentários que encontramos nas postagens, são constatadas falas de indivíduos que, infelizmente, não têm consciência dos fatos científicos apresentados nesta pesquisa. Logo, o presente trabalho objetiva também auxiliar na desconstrução desse preconceito, através de uma base científica de conhecimento.

A próxima postagem foi retirada de um grupo denominado “Brasileiros Em Portugal”, na rede social *Facebook*, e nela é feita a pergunta: “A gramática do português em Portugal é igual a do Brasil?”.

Figura 3 - "A gramática do português em Portugal é igual a do Brasil?".



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social *Facebook*⁸.

⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2333516126812162/>.
Publicado em: 17 abr. 2021. Acesso em: 18 abr. 2022; 08 maio 2022.

De acordo com o que já foi constatado nesta pesquisa, já existe uma resposta para essa indagação. No entanto, antes de um esclarecimento, é necessário analisar algumas respostas pertinentes para a temática do estudo, como a que está em seguida:

Figura 4 "Em Portugal falam o verdadeiro português!"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social *Facebook*⁹.

Na frase “Em Portugal falam o verdadeiro português!”, é possível constatar o mito da língua e do falante ideal do português, o europeu. Uma tradição, como bem aponta Bagno (2008), que é transmitida por gerações através da gramática tradicional no âmbito escolar. Logo em seguida, observa-se o comentário “vai estudar não existe isso”, o que sugere que o indivíduo domina algum conhecimento linguístico e discorda do que foi falado anteriormente, no comentário já analisado.

Também é notória a ausência do desprendimento da visão colonial. O português brasileiro é totalmente menosprezado, sustentado por uma ideia de não originalidade e uma língua não independente; o que não é real. Quando um dos indivíduos retruca a resposta do segundo comentário, também argumenta: “Português Brasileiro é originário do Português de Portugal”. Ele está considerando a colonização, no momento em que a língua portuguesa é

⁹ - Resposta à *Figura 3*. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2333516126812162/>. Publicado em: 17 abr. 2021. Acesso em: 18 abr. 2022; 08 maio 2022.

decretada, através do Marquês de Pombal, como língua oficial do território brasileiro:

[...] a primeira peça legislativa pombalina referente à política de língua pombalina é a Lei do Directório, expedida em 3 de maio de 1757 e confirmada pelo Alvará de 27 de agosto de 1758. [...] Desse modo, era necessário propor-lhes “meios de Civilidade” e de conveniência, persuadindo-lhes os “dictames da racionalidade”. [...] o Estado teria que se valer de uma Língua Nacional, a “Língua do Príncipe”, para se afirmar perante os outros – as demais nações e os “Povos conquistados” –, construindo assim uma identidade nacional (OLIVEIRA; FRANCO, 2016, p. 31).

No entanto, como já pontuado no presente estudo, existem diferenças no português, de ambos os países, que englobam necessidades linguísticas territoriais e contextos sociohistóricos, sustentando, desse modo, o fato de serem línguas distintas com suas respectivas particularidades, onde uma língua não se sobressai pela outra. Temos, então, o Brasil “como lugar de multiplicidade, da riqueza pela diversidade, pela diversidade, repito, linguística e cultural (ORLANDI, 2008, p. 160).

Ainda nessa perspectiva, a imagem logo abaixo retoma a ideia de um único português, sendo este o de Portugal; fato aqui já analisado. Não obstante, também existem outros vieses a serem discutidos:

Figura 5 - "O português só é um e originol em Portugal"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social Facebook¹⁰.

É pertinente o trecho “Um país que tem costumes não os vai alterar somente para vocês se sentirem confortáveis. Quem tem de se adaptar são os imigrantes”. De fato, para viver confortavelmente, é esperado que os imigrantes busquem entender a cultura e os falares de onde escolheram viver. Porém, quando se trata da língua, é possível que o contexto social influencie na carga linguística do indivíduo, por ele estar inserido dentre pessoas que falam

¹⁰Resposta à Figura 3. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2333516126812162/>. Publicado em: 17 abr. 2021. Acesso em: 18 abr. 2022; 08 maio 2022.

do mesmo modo, e com as quais se relacionam. Mas, devido ao grande número de brasileiros em Portugal, atualmente, existe a possibilidade de essa influência acontecer por parte de ambas as línguas e gerar resultados linguísticos a serem constatados em pesquisas futuras.

A exemplo dessa interação constante, se tem o consumo da cultura brasileira, que tem se intensificado cada vez mais entre os jovens e as crianças, gerando matérias como “Crianças de Portugal ‘só falam brasileiro’ por causa de youtubers”, publicada no Brasil pelo jornal online *Tecmundo*, que republica a matéria do *Diário de Notícias*, um dos jornais mais tradicionais de Lisboa. A notícia do jornal português busca apontar um culpado para a suposta ameaça às crianças em Portugal:

Figura 6 - “Crianças de Portugal ‘só falam brasileiro’ por causa de youtubers”



Fonte: Tecmundo¹¹.

Na matéria, existe um alto teor de preconceito sociolinguístico e é possível destacar trechos, como “Segundo o periódico, alguns desses pequenos ‘só falam ‘brasileiro’. E os ‘culpados’ por essa mudança na forma de falar seriam os *youtubers* do Brasil” Além disso, falar o português brasileiro é identificado explicitamente como uma ameaça:

Ao mencionar a “ameaça” cultural, o texto fala em tom angustiado sobre a canalhada (criançada em português de Portugal): “Dizem grama em vez de relva, autocarro é ônibus, rebuçado é bala, riscas são listras e leite está na geladeira em vez de no frigorífico” (MARIN, 2020).¹²

¹¹ MARIN, Jorge. Crianças de Portugal 'só falam brasileiro' por causa de youtubers. **Tecmundo**, 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/228625-criancas-portugal-so-falam-brasileiro-diz-jornal-lisboa.htm>. Acesso em: 15 abr. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/228625-criancas-portugal-so-falam-brasileiro-diz-jornal-lisboa.htm>. Acesso em: 15 abr. 2022.

No entanto, a língua é viva e está em constante mudança, se adaptando e se renovando aos contextos sociais em que está inserida. Como bem aponta Labov: “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (2008, p. 21). Uma vez que a interação com os brasileiros continua em crescimento, com um número de imigrantes que aumenta demasiadamente a cada ano que se passa, mudanças como a anunciada na matéria aqui citada continuarão a acontecer involuntariamente, sendo capaz de gerar mais incômodos e, conseqüentemente, o preconceito sociolinguístico; por isso a necessidade de entender como a língua funciona e compreender que não há um *culpado* (porque não há nada de errado) O que está sendo constatado é um exemplo do fato de que uma língua viva está em constante transformação.

Uma situação pertinente já pontuada no presente estudo é a ocorrência de falas preconceituosas de brasileiros com o próprio idioma, como é possível flagrar a seguir:

Figura 7 - "Em Portugal o português é muito bem falado"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social Facebook¹³.

Figura 8 - "No Brasil não sabemos nem falar, menos ainda escrever!"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social Facebook¹⁴.

Ambos os comentários foram escritos por indivíduos brasileiros e reafirmam as consequências não só de um ensino tradicionalista, como também de um imaginário coletivo sustentado principalmente pela mídia, que repercute a imagem dos portugueses como os verdadeiros dominadores da língua portuguesa, sendo falantes perfeitos e sem erros cometidos na escrita. Nessa perspectiva, as diferenças entre as duas línguas não são levadas em consideração como particularidades de cada português, mas sim como erros.

¹³ Resposta à Figura 3. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2333516126812162/>. Publicado em: 17 abril 2021. Acesso em: 18 abr. 2022; 08 maio 2022.

¹⁴ Resposta à Figura 3, op. cit. Acesso em: 18 abr. 2022; 08 maio 2022.

As postagens ainda revelam a ausência do conhecimento sobre a gramática do português brasileiro ser diferente da utilizada no país europeu; uma vez que tanto o idioma do Brasil quanto o de Portugal possuem a sua própria gramática e seu saber linguístico. Logo, a comparação presente em “Em Portugal o português é muito bem falado” e “No Brasil não sabemos nem falar menos ainda escrever” é incabível. Estão julgando uma gramática X tomando como referência uma outra gramática Y (FARACO, 2008).

Não obstante, o preconceito sociolinguístico, na maioria das vezes, está associado à xenofobia e o que se apresenta como uma intolerância à fala brasileira dá lugar a um comportamento xenofóbico. Nessa perspectiva, no mesmo grupo “Brasileiros em Portugal”, da rede social *Facebook*, foi possível detectar relatos de brasileiros em resposta ao *post* que se reproduz a seguir:

Figura 9 – “Sobre xenofobia: é mesmo verdade todo esse preconceito que falam que o português tem pelos brasileiros? Contem suas experiências!!!”

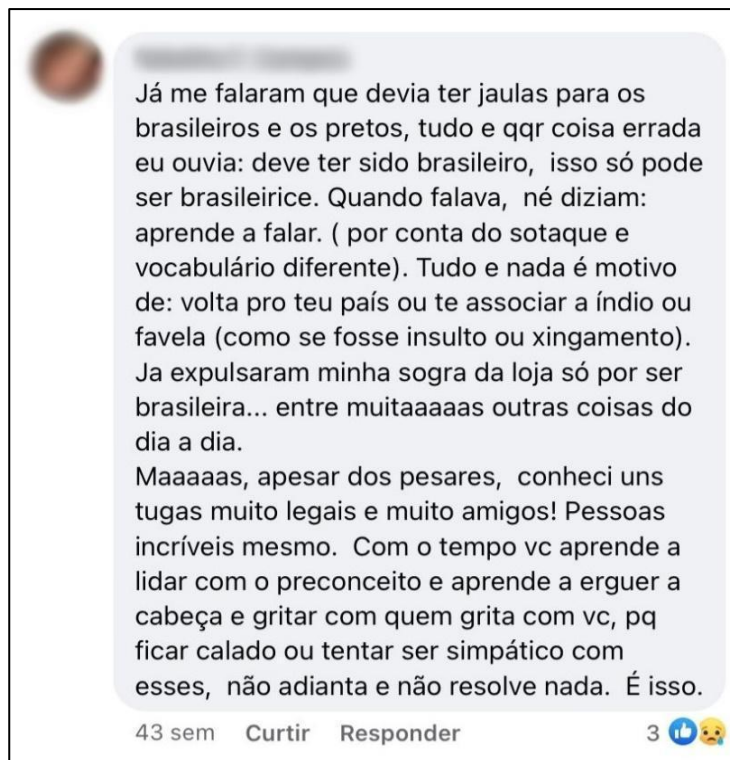


Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social *Facebook*¹⁵.

A partir da indagação feita pelo(a) participante do grupo, foram encontrados testemunhos como:

¹⁵Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2113664292130681/>. Publicado em: 12 Jul. 2021. Acesso em: 12 mar. 2022.

Figura 10 - "Já me falaram que deveria ter jaulas para brasileiros e pretos [...]"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social Facebook¹⁶.

É notória, a partir do preconceito sociolinguístico e, consequentemente, xenofóbico, a visão colonizadora que reverbera na situação aqui apresentada. As frases “Já me falaram que devia ter jaulas para os brasileiros e os pretos” e “Tudo e nada é motivo de: volta pro teu país ou te associar a índio ou favela (como se fosse insulto e xingamento)” marcam bem essa associação arcaica de colonizador e colonizado, demasiadamente ultrapassada e preconceituosa. Por isso, a necessidade de redefinir a relação da lusofonia¹⁷ entre Brasil e Portugal, como afirma Orlandi (2009), significando essa relação em direção à descolonização, uma vez que ela reforça a história dessa dominação colonizadora que atualmente se encontra em um contexto absolutamente diferente, ou melhor, independente, diminuindo, desse modo, a superioridade baseada em uma pauta não mais existente.

Nessa perspectiva, no trecho em que a pessoa afirma sofrer repreensões devido à fala

¹⁶ Resposta à Figura 9. Disponível em:

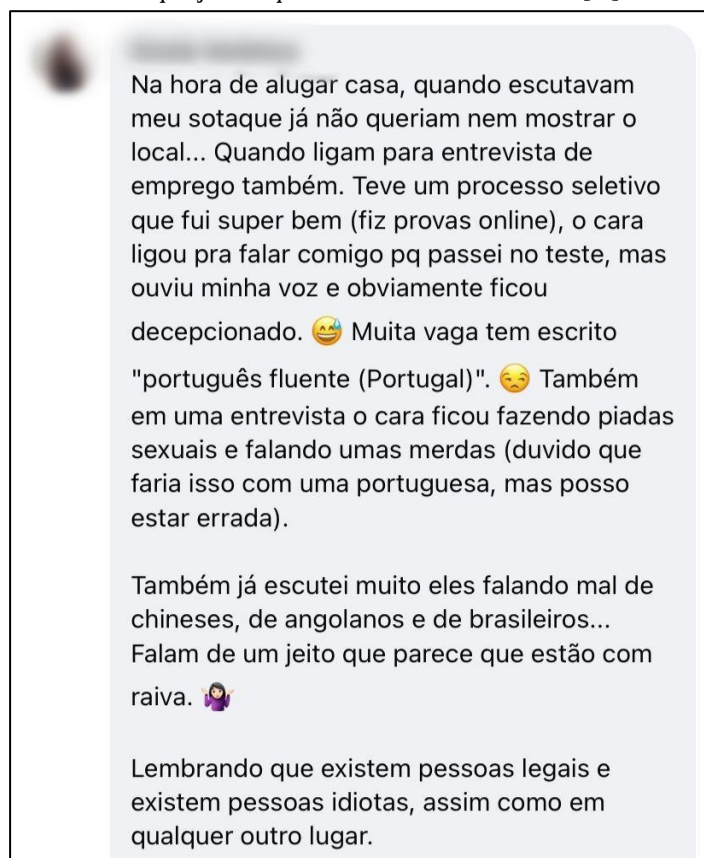
<https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2113664292130681/>. Publicado em: 12 Jul. 2021. Acesso em: 12 mar. 2022.

¹⁷ LUSOFONIA: Noção de homogeneidade na relação de criação/colonização de um espaço de falantes da mesma língua portuguesa, não importando o viés geográfico.

brasileira (em que os opressores dizem “aprende a falar”) e que estão associadas às diferenças entre o português europeu e o português brasileiro, se pode constatar ainda um pensamento decorrente dessa ligação lusófona desatualizada e originada da colonização, para com o idioma brasileiro. Em função disso e das demais situações que se correlacionam com essa idealização, é mister ressaltar as diferenças brasileiras, tanto linguísticas quanto socioculturais, com o intuito de reforçar o processo de descolonização.

Em relatos como “Já expulsaram minha sogra da loja só por ser brasileira”, fica subentendido que a nacionalidade é descoberta a partir da fala, uma vez que há uma grande miscigenação presente no Brasil e as características físicas são múltiplas, ficando praticamente inviável o reconhecimento restrito aos olhos. Somado a esse contexto, o próximo comentário flagra explicitamente o preconceito sociolinguístico em uma situação que não há relação visual:

Figura 11 - "Na hora de alugar casa, quando escutavam meu sotaque já não queriam nem mostrar o local [...]"



Fonte: Grupo “Brasileiros em Portugal” na rede social Facebook¹⁸.

¹⁸ Resposta à Figura 9. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/355275347969593/permalink/2113664292130681/>. Publicado em: 12 Jul.

Em alguns trechos narrados, o comportamento preconceituoso é evidente, uma vez que o contexto se passa em ligações telefônicas, sem qualquer contato relacionado à vista (“Na hora de alugar casa, quando escutavam meu sotaque já não queriam nem mostrar o local... Quando ligam para entrevista de emprego também[...]). Nesse caso, é possível destacar que apenas o ato de falar o português brasileiro privou a falante de situações sociais que deveriam ser comuns, dificultando o processo do aluguel de uma casa e na seleção de um emprego. Circunstâncias como essas que, em não havendo a discriminação, passariam despercebidas, por se tratarem do básico para o cidadão viver.

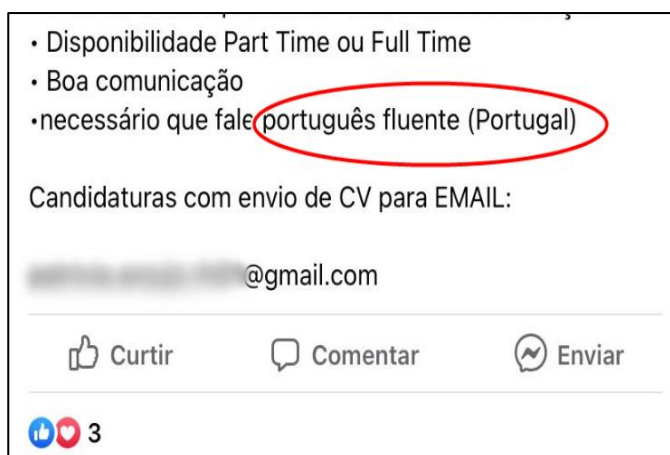
Nessa perspectiva, a brasileira ainda afirma “Muita vaga tem escrito “português fluente (Portugal)”, o que acaba se tornando mais um obstáculo na vida do imigrante brasileiro e pode estar relacionado ao comportamento preconceituoso com a fala, a depender da vaga de emprego, uma vez que, sendo uma função que exija agilidade e constante comunicação com o público, não ter o domínio do português europeu pode resultar em uma tribulação, devido às diferenças linguísticas e fonéticas; mas que, com o tempo e adaptação à língua, nada impediria uma interação bem sucedida.

No entanto, em um cargo que não há essa constância com os clientes, o fato de ser falante da língua portuguesa-brasileira se converte em um ponto de vista de tolerância ou intolerância; o que pode ser flagrado no *post* abaixo:

Figura 12 - "Estamos a contratar Gestor Comercial em Teletrabalho [...] português fluente (Portugal)"



...



Fonte: Grupo “Lisboa Emprego” na rede social Facebook¹⁹.

Aqui, a oportunidade de trabalho é no posto de Gestor Comercial em Teletrabalho, que, segundo o site português *Expressoemprego.pt*, se resume em:

[...] o gestor comercial é o responsável pela definição da política e estratégias comerciais da empresa, é ele quem determina o plano de acção comercial que a empresa deve seguir, de forma a maximizar a sua quota de mercado e os lucros, garantindo a satisfação dos clientes (EXPRESSOEMPREGO.PT, 2022).²⁰

É notório que a função em vista não exige um contato direto com os clientes, ela acontece interna e remotamente; o que, para um recém chegado ao país, não implicaria em uma dificuldade a ponto de dificultar o processo comunicativo com os colegas de trabalho. Fica claro, portanto, que a preferência pelo idioma de Portugal acaba a transparecer o preconceito sociolinguístico com o falante brasileiro.

Não obstante, os cargos ocupados por brasileiros não devem se restringir a papéis em que a interação com o público seja mínima ou média. Se sabe que há diferenças entre ambos os idiomas, mas o entendimento não se compromete ao ponto de impedir o exercício da função, pois, como afirma Orlandi (2009), ao mesmo tempo em que o Brasil é um país que convive rotineiramente com línguas indígenas, também é falante de uma língua latina que está inserida na história europeia, através da filiação do português de Portugal. Se há diferenças entre as línguas, há também alguma ligação e interação entre elas.

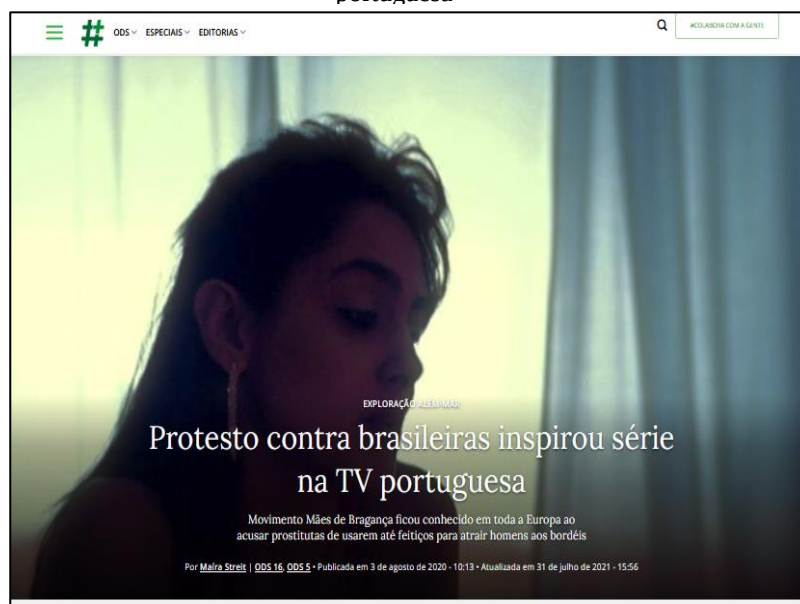
¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1143973079053112/permalink/4886646621452387/>.
Publicada em: 11 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.

²⁰ Gestor Comercial e Vendas. **Expressoemprego.pt**. Carreiras. Disponível em: <https://expressoemprego.pt/carreiras/gestor-comercial-e-vendas/4268>. Acesso em: 22 abr. 2022.

Casos como esse também revelam apenas uma ponta da intolerância relatada nos testemunhos de brasileiros que vivem em terras portuguesas, quando o menosprezo de uma fala representa um subjugamento à nacionalidade deles, a xenofobia. A exemplo de “Também em uma entrevista o cara ficou fazendo piada sexuais e falando umas merdas [...]”²¹, que descreve uma circunstância de assédio sexual, provavelmente relacionada ao fato de a vítima ser uma mulher brasileira, que, em terras portuguesas, carrega uma imagem associada à prostituição.

É pertinente analisar como se deu essa associação, fato que está publicado em uma matéria no site do projeto #Colabora²², a qual discorre sobre a organização de um abaixo-assinado, na cidade portuguesa de Bragança, no ano de 2003, que exigia a expulsão das brasileiras que trabalhavam com prostituição em casas noturnas. Uma grande movimentação que mobilizou a vida, até então tranquila, dos que ali viviam; ganhando visibilidade nas manchetes dos grandes jornais do país europeu, inspirando também uma série televisionada em todo o seu território:

Figura 13 - "Protesto contra brasileiras inspirou série na TV portuguesa"



Fonte: Projeto Colabora²³.

²¹ Trecho presente na *Figura 11*, em resposta à *Figura 9*: postagem “Sobre xenofobia: é mesmo verdade todo esse preconceito que falam que o português tem pelos brasileiros? Contem suas experiências!!!!”.

²² O #Colabora é um projeto jornalístico que dá visibilidade à sustentabilidade que está para além do meio ambiente. Educação, saúde, desigualdade, saneamento, diversidade e consumo também são alguns dos seus temas.

²³ STREIT, Máira. Protesto contra brasileiras inspirou série na TV portuguesa. **Projeto Colabora**, 3 de ago. de 2020. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods5/exploracao-alem-mar-o-protesto-contra-brasileiras-que-virou-serie-na-tv/>. Acesso em: 21 de mar de 2022.

Denominado de *Mães de Bragança*, o movimento resultou na detenção de mais de 40 prostitutas, a maioria brasileira, assim como na condenação de alguns proprietários de casas noturnas, sendo acusados de explorar a prostituição. Apesar de o trabalho ter sido exercido por mulheres de demais nacionalidades, as do Brasil, devido à grande quantidade, despertavam a ira nas esposas que faziam parte do manifesto:

[...] “Somos agora invadidas e fustigadas por dezenas de prostitutas aquarteladas em boates e, mesmo durante o dia, em bairros residenciais, em todo o canto e esquina da nossa cidade. Como é possível permitir-se a continuada abertura de casas de alterne, onde o flagelo da droga e da prostituição é incrementado?” [...] “Elas vieram aliciar os nossos maridos com falinhas meigas, canas-de-açúcar e droga à mistura!” [...] “Elas põem flores nos cruzamentos para conquistar os homens e os nomes dos inimigos nas solas dos sapatos”[...] (STREIT, 2020).²⁴

Nessa perspectiva, ainda que passados 19 anos, a figura da brasileira carrega consigo a associação com a sexualidade, o trabalho no prostíbulo e a ideia de que estão em Portugal para *roubar* os maridos das portuguesas que ali vivem, gerando, portanto, relatos com flagras de assédio sexual, assim como o presente na ¹⁰Imagem.

Devido ao cenário de identificar os brasileiros através da fala do português do Brasil, muitos se sentem acuados em expor a sua língua em contextos sociais que possam gerar discriminação e, conseqüentemente, prejuízo nas atividades cotidianas. É possível analisar esse paronama através da matéria “Discriminação contra brasileiros em Portugal: 'Tive que falar inglês para ser bem tratado’”, publicada pelo Jornal online *BBC NEWS*, com relatos que enunciam o preconceito sociolinguístico:

Figura 14 - "Discriminação contra brasileiros em Portugal: 'Tive que falar em inglês para ser bem tratado’"



Fonte: BBC News Brasil²⁵.

²⁴ Disponível em: <https://projetoacolabora.com.br/ods5/exploracao-alem-mar-o-protesto-contra-brasileiras-que-virou-serie-na-tv/>. Acesso em: 21 de mar de 2022.

²⁵ BARRUCO, Luis. Discriminação contra brasileiros em Portugal: 'Tive que falar inglês para ser bem tratado'. **BBC News Brasil**, 6 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

O texto jornalístico traz uma sequência de falares colhidos, em depoimento às vítimas, que disseminam desde o pré-julgamento com a fala do Brasil a fatos que abrangem a imagem distorcida que a circunstância de *ser brasileiro* representa:

[...] "Não é problema meu se você não sabe falar português". "Não há água potável no Brasil". "Mulher brasileira vem para cá para roubar o marido das portuguesas". "Os moradores estão se sentindo incomodados de ver uma pessoa assim como você, estranha, andando por aqui". "Brasileiras são todas p*o". "Você não entende nada. Você é burra". "Claro que não, brasileiro vir dar aula aqui?" [...] (BARRUCO, 2022).²⁶

Nos apontamentos, é notória a permanência mitológica do *certo* e *errado*, através de um processo de descolonização linguística não estruturado, quando se trata do português brasileiro e do português europeu, com a personificação do falante ideal da língua portuguesa nos cidadãos portugueses. Ademais, ainda é constatada a figura de um país atrasado, que desqualifica a capacidade de progredir, a educação e a língua; remetendo a uma nação não independente e sem força, fruto da visão colonizadora que perpetua até os dias atuais, como é possível destacar no relato abaixo:

"Uma vez fui fazer um treinamento para trabalhar em uma empresa de energia e o supervisor (que era português), dentro do elevador me disse assim: 'o legal é que não precisamos ir lá para escravizar. Vocês que já vêm por conta própria para essa função': é um dos vários relatos, a maior parte vinda de Portugal [...] (BARRUCO, 2022).²⁷

Essas palavras também evidenciam os cargos que os brasileiros, principalmente os recém chegados e sem qualificação, ocupam no espaço empregatício de Portugal. Geralmente sendo atribuídos a funções braçais e análogas à escravidão, com carga horária exacerbada e condições insalubres, se submetendo a tais situações devido à necessidade de possuir uma renda para recomeçar a vida ou se manter no país.

Somado a isso, ainda há, mais uma vez, flagras da imagem da mulher brasileira associada à promiscuidade, fortalecida a partir do movimento *Mães de Bragança*, marco aqui já analisado e que contribui com a sua sexualização:

"Estávamos juntos havia três meses. Quando me falou sobre um amigo que terminou o relacionamento com uma portuguesa por causa de uma brasileira, ele deu um leve tapa na minha vagina e disse que entendia o porquê. Fiquei horrorizada", diz à BBC News Brasil Mariana Braz, que vive em Portugal

²⁶Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>. Acesso em: 06 maio 2022.

²⁷Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>. Acesso em: 06 maio 2022.

desde que se mudou para o país para fazer mestrado (BARRUCO, 2022).²⁸

Por muitas vezes, a associação do preconceito sociolinguístico ao processo de colonização não acontece. No entanto, entre linhas e falas, se flagra a idealização de um Brasil com uma história apagada, reflexo do movimento de aculturação, em que a imposição da língua portuguesa está inserida, decorrente da visão do colonizador a respeito do colonizado, desbotando, portanto, a brasilidade que abrange a história dos índios, dos negros, a independência, as riquezas e o progresso de uma nação.

Abaixo é possível ler um relato que captura a língua brasileira, mais uma vez, como instrumento que marca inferioridade e desprestígio:

"Quando telefonava para fazer reservas em restaurantes e falava em português, sempre ouvia que não havia mais mesas disponíveis. Pedia a meu companheiro para ligar de volta. E, surpreendentemente, ele conseguia fazer a reserva. O tratamento era completamente diferente. Passei, então, a falar em inglês em restaurantes para ser bem tratado" (BARRUCO, 2022).

A escolha de falar outro idioma para não ter a nacionalidade descoberta e, conseqüentemente, ser tratado com desigualdade, infelizmente registra o quanto o preconceito sociolinguístico dificulta a vida dos brasileiros que vivem em terras portuguesas. Por isso a necessidade de exaltar o processo da construção do português brasileiro, todo o caminho histórico percorrido para a sua emancipação e a reformulação do que se entende por lusofonia. É importante compreender que a língua de Portugal fixou um marco que registra a dominação e a superioridade em uma determinada parte da história do Brasil, mas que isso não se estende aos dias atuais; fato que acabou enriquecendo, apesar dos acontecimentos infelizes decorrentes da colonização, a pluralidade linguística presente, atualmente, no vasto território brasileiro.

É mister ressaltar que, na presente pesquisa, de perspectiva sociolinguística e com contribuições de estudiosos como Bagno (2008), Orlandi (2009), Labov (2008), Faraco (2008), Cezário e Votre (2015), entre outros, evidenciamos situações que, por muitas vezes, avançam para um registro xenofóbico. Reiteramos, portanto, a importância de compreender a relação existente entre o idioma de cada país, a origem do português brasileiro e a necessidade de entender como a língua funciona para, então, desconstruir o desprestígio linguístico e social que insiste em acompanhar a fala brasileira.

²⁸Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>. Acesso em: 06 maio 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É constatado que o número de brasileiros que vivem em Portugal tem se intensificado demasiadamente nos últimos anos, fato esse que reflete no montante de relatos de preconceito sociolinguístico sofrido no país, sendo praticados tanto pelos próprios brasileiros quanto por portugueses. Não obstante, essa prática está relacionada com a desinformação a respeito da falta de conscientização das necessidades linguísticas do público falante de cada país, juntamente com mitos que projetam a idealização do falante ideal da língua portuguesa, nos nativos de Portugal (BAGNO, 2008); consequências do persistente desprestígio histórico para com o português brasileiro, fruto de uma visão colonizadora que persiste até os dias atuais e perpetua a crença de que falar o idioma brasileiro é estar inferior, não prezando a integridade da língua portuguesa.

Desse modo, a partir da análise dos dados, é possível flagrar a permanência mitológica do *certo* e *errado*, advindo de ambas nacionalidades, resultado de um processo de descolonização linguística ainda não constituído, que gera comentários como “aprende a falar”, “Em Portugal falam o verdadeiro português!” e “Português só há um”. Além disso, também fica evidente a idealização de uma única língua portuguesa, a de Portugal, como *pura* e *original*, que está sofrendo uma *ameaça*, devido à influência provocada pelo crescente consumo da cultura brasileira, no país. Situações essas que comprovam o desprestígio linguístico e social que a fala brasileira carrega consigo.

Somado a isso, é pertinente ressaltar o quanto o preconceito com a língua do Brasil se mostrou associado à xenofobia, uma vez que, a partir da fala se descobre nacionalidade, gerando a associação com a imagem que o *ser brasileiro* representa, resultando, em seguida, nessas situações xenofóbicas, inclusive criminalizadas, se fazendo necessário não dissociar essas duas vertentes, assim como entender como elas se conectam.

Nessa perspectiva, é mister ressaltar que não há uma língua pura, uma vez que esta é heterogênea, composta por um intrincado conjunto de transformações e influências de outras línguas que, em determinado momento histórico, deteve mais poder sobre as demais; a exemplo da conexão que existe entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal, sendo estabelecida na história da filiação do idioma. Por isso, o discurso de que o português europeu é detentor da pureza se torna incabível.

Ademais, no português brasileiro, os fatores linguísticos e extralinguísticos apresentam um distanciamento significativo com o de Portugal, assim como sua comunidade de falantes não compartilha da mesma realidade linguística. Logo, para o viés sociolinguístico, devido à disparidade de mudanças, não há uma relação de variação e sim a caracterização de uma língua.

Desse modo, é importante afirmar que a relação existente entre os dois idiomas se estabeleceu a partir da dominação e imposição advinda do colonizador para o colonizado, que promoveu a sua fala, buscando deter a disseminação dos falares já existentes no Brasil e sobrepor o seu. Fato esse que prevalece até os dias atuais, através da mitologia do Português de Portugal como uma língua superior à do Brasil.

É relevante informar que a proposta de reflexão teórica a respeito do preconceito sociolinguístico vivenciado por brasileiros que vivem em Portugal, em consonância com a análise do *corpus* da pesquisa, conseguiu desmascarar os embasamentos mitológicos, presentes nos dados, que provocam esse desprestígio com a fala brasileira. No entanto, ainda existem demais problemas sociais, no contexto geral das vítimas, que precisam ser estudados para que mais soluções sejam encontradas, com o intuito de romper com esses paradigmas.

Torna-se mister ressaltar, ainda, os avanços “libertadores” do século XXI, através das mídias e redes, que se apresentam como um espaço de empoderamento de grupos, buscando desfazer certas categorias de preconceito e não acatando falas discriminatórias. No entanto, o posicionamento ponderado em relação às variações linguísticas ainda se encontra escasso e, infelizmente, quando opiniões são proferidas, elas projetam, em maior parte, comentários maldosos que se configuram como preconceito sociolinguístico. Desse modo, as redes sociais, que são um dos principais instrumentos de combate a preconceitos, dando voz e vez aos “apagados”, age como um reforço negativo para a superação dos mitos perversos sobre a diversidade linguística, disseminando comentários como “variação linguística é desculpa de gente burra”, “nordestino não sabe falar português”, “pareço legal, mas eu corrijo mentalmente quem fala errado” e muitos outros.

Nesse sentido, o presente estudo se pretende como embasamento científico e ferramenta auxiliadora na desconstrução de estereótipos relacionados ao português brasileiro e ao português europeu, objetivando conscientizar, influenciar e auxiliar na criação de ideologias que desconstroem esses estereótipos preconceituosos; valorizando e respeitando

os âmbitos culturais, históricos, ideológicos, políticos e demasiados fatores extralinguísticos, assim como linguísticos, que marcam uma disparidade entre as comunidades linguísticas de ambos países.

REFERÊNCIAS

AMATO, G. Brasileiros são maioria entre os 555 mil estrangeiros em Portugal. **O Globo**, 17 de dez. de 2021. Portugal Giro. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/portugal-giro/post/brasileiros-sao-maioria-entre-os-555-mil-estrangeiros-em-portugal.html>. Acesso em: 04 abril 2022.

BAGNO, M. Língua, história e sociedade: breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap. 9. p. 179-199.

_____, M. Mas o que é mesmo variação linguística? **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____, M. **Preconceito Linguístico**. O que é como se faz. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

BARRUCO, L. Discriminação contra brasileiros em Portugal: 'Tive que falar inglês para ser bem tratado'. **BBC News Brasil**, 6 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61241139>. Acesso em: 06 maio 2022.

CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-155.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Gestor Comercial e Vendas. **Expressoemprego.pt**. Carreiras. Disponível em: <https://expressoemprego.pt/carreiras/gestor-comercial-e-vendas/4268>. Acesso em: 22 abril 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. (Trad). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARIN, J. Crianças de Portugal 'só falam brasileiro' por causa de youtubers. **Tecmundo**, 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/228625-criancas-portugal-so-falam-brasileiro-diz-jornal-lisboa.htm>. Acesso em: 15 abril 2022.

MIRANDA, G. Português brasileiro rende nota menor e discriminação em escolas e universidades de Portugal. **Folha de São Paulo**, 03 de maio de 2021. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/portugues-brasileiro-rende-nota-menor-e-discriminacao-em-escolas-e-universidades-de-portugal.shtml>. Acesso em: 03 abril 2022.

OLIVEIRA, L. E.; FRANCO, J. E. O Marquês de Pombal e a invenção do Brasil: Coordenadas históricas. **Revista de Estudos e Cultura**, Lisboa, n. 4, p. 26 -36, jan./abr. de 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28703>.

ORLANDI, E. P. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: Editora RG, 2009.

STREIT, M. Protesto contra brasileiras inspirou série na TV portuguesa. **Projeto Colabora**, 3 de ago. de 2020. Disponível em: <https://projctocolabora.com.br/ods5/exploracao-alem-mar-o-protesto-contra-brasileiras-que-virou-serie-na-tv/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TODOROV, T. Tradução: MEIRA, C. **A Literatura em Perigo**. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

ULLMANN, R. A. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.